

AS TICs E A PROVA DO ENEM: O DESAFIO DO LETRAMENTO DIGITAL

F. Cordelia Oliveira da SILVA

Inep/UnB

cordelia.prof@gmail.com/cordelia@unb.br

Resumo: O Exame Nacional do Ensino Médio configura-se como política pública que objetiva democratizar o acesso às vagas federais de ensino superior, possibilitar a mobilidade acadêmica e induzir a reestruturação dos currículos do Ensino Médio. Porém, ele extrapola os limites políticos e resulta em mudanças acadêmicas e pedagógicas que reverberam nas salas de aula de todo o Brasil. Na área de Códigos e Linguagens, uma mudança foi a inserção das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), como um dos elementos avaliados. Neste trabalho, o objetivo é analisar a abordagem das TICs na prova do Enem e o conceito de letramento a ela subjacente. Partimos do pressuposto de que, na atual realidade multimidiática, a escola precisa dotar o aluno em multiletramentos para que ele atue em práticas sociais variadas, convivendo com gêneros discursivos diversos, entre eles os digitais. Nesse sentido, estamos entendendo que todo funcionamento significativo da linguagem ocorre em situações reais de uso, em textos e em discursos produzidos e recebidos em situações enunciativas ligadas a domínios discursivos da vida cotidiana e realizados em gêneros que circulam na sociedade (MARCUSCHI, 2008). Para o estudo, são aporte teórico trabalhos de Marcuschi (2005, 2008, 2010), Soares (2002) e outros.

Palavras-chave: letramento; letramento digital; TICs; Enem.

1. O ponto inicial¹

É inegável que existe uma mudança em curso nas sociedades pós-modernas e que ela se deve, em grande parte, ao papel que as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) vêm adquirindo e ao modo acelerado com têm se disseminado globalmente. Nesse sentido, Almeida (2008, p. 33) afirma que as TICs são “constituídas, denominadas, indicadas como uma nova arquitetura social relacionada aos desafios da globalização. O seu uso e domínio são apontados como uma necessidade dos atores sociais da contemporaneidade”. Essas mudanças iniciadas e desenvolvidas por meio das TICs desencadeiam novas transformações que são sentidas em todos os contextos sociais, nesse caso, em especial, interessa-nos aquelas relativas ao contexto escolar.

No fluxo dessas mudanças, a matriz de competências e de habilidades do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) apresenta, a partir de 2009, na área de Códigos e Linguagens, duas competências (detalhadas em sete habilidades) que examinam a aplicação das TICs nos vários contextos da vida social (neste trabalho, analisaremos uma dessas competências).

Considerando esse panorama, este trabalho tem como objetivo principal analisar a abordagem das TICs na prova do Enem aplicada em 2009, e, para isso, recorre aos conceitos de letramento e de letramento digital. Para tanto, entendemos, pautados em Marcuschi (2008), que todo funcionamento significativo da linguagem ocorre em situações reais de uso, em textos e em discursos produzidos e recebidos em situações enunciativas realizadas em domínios discursivos da vida cotidiana e em gêneros que circulam na sociedade.

¹ As ideias apresentadas neste artigo são fruto de análises e de interpretações particulares da pesquisadora que o assina e não refletem uma posição institucional do Inep/MEC.

O artigo apresenta uma parte teórica (na qual, com base em pesquisa bibliográfica, são revistos os conceitos de letramento e de letramento digital, assim como outros pertinentes ao estudo desenvolvido) e uma parte analítica, na qual são estudadas quatro questões do Enem/2009. Para o estudo, são balizadores os trabalhos de Marcuschi (2005, 2008, 2010), Ribeiro (2009), Soares (2002), Xavier (2009), Fairclough (2001) e outros.

2. As Tecnologias da Informação e da Comunicação no Enem

O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) representa uma política pública que apresenta como principais objetivos:

- democratizar as oportunidades de acesso às vagas federais de ensino superior;
- possibilitar a mobilidade acadêmica; e
- induzir a reestruturação dos currículos do Ensino Médio.

Criado com a intenção de ser uma avaliação para diagnóstico da formação do aluno concluinte do Ensino Médio no País, com o tempo, o exame assumiu outras finalidades, como a certificação de jovens e de adultos que não concluíram o Ensino Médio na escola regular (substituindo em parte as atribuições antes pertinentes ao Encceja²), a seleção de candidatos a vagas em instituições públicas de ensino superior e a seleção (nesse caso, como critério de classificação) de candidatos a bolsas do Prouni³ e do Sisu⁴.

No entanto, o exame extrapola os limites políticos e resulta em mudanças acadêmicas e pedagógicas que reverberam nas salas de aula de todo o Brasil. Por isso, é importante analisar o que está sendo considerado como objeto de exame nas competências e nas habilidades da Matriz de Referência do Enem e como essas competências e habilidades estão sendo avaliadas nas provas aplicadas.

O Enem estrutura-se em uma Matriz de Referência produzida em 2009⁵. Essa matriz apresenta cinco eixos cognitivos comuns a todas as áreas do conhecimento, são eles:

I. Dominar linguagens (DL): dominar a norma culta da Língua Portuguesa e fazer uso das linguagens matemática, artística e científica e das línguas espanhola e inglesa;

II. Compreender fenômenos (CF): construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas;

III. Enfrentar situações-problema (SP): selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representados de diferentes formas, para tomar decisões e enfrentar situações-problema;

² O Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja) é uma avaliação voluntária e gratuita ofertada às pessoas que não tiveram a oportunidade de concluir os estudos em idade apropriada para aferir competências, habilidades e saberes adquiridos tanto no processo escolar quanto no extra-escolar.

³ O Prouni - Programa Universidade para Todos – é um programa do Ministério da Educação que tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior. Criado pelo Governo Federal em 2004 e institucionalizado pela Lei nº 11.096/2005, oferece, em contrapartida, isenção de alguns tributos àquelas instituições de ensino que aderem ao Programa (Dados disponíveis em WWW.mec.gov.br. Acesso em: 03.maio.2012.)

⁴ O Sistema de Seleção Unificada (Sisu) foi desenvolvido pelo Ministério da Educação para selecionar os candidatos às vagas das instituições públicas de ensino superior que utilizarão a nota do Enem como única fase de seu processo seletivo. A seleção é feita pelo Sistema com base na nota obtida pelo candidato no Enem. (Dados disponíveis em WWW.mec.gov.br. Acesso em: 03.maio.2012.)

⁵ Disponível em http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2009/Enem2009_matriz.pdf. Acesso em: 08.fev.2011.

IV. **Construir argumentação (CA)**: relacionar informações, representadas em diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em situações concretas, para construir argumentação consistente;

V. **Elaborar propostas (EP)**: recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

A Matriz de Referência de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias é composta de nove competências e de trinta habilidades⁶, relativas à Língua Portuguesa, Literatura, Línguas Estrangeiras (Inglês e Espanhol), Artes, Educação Física e TICs. A competência de área 1 e a competência 9 dizem respeito às tecnologias da informação e da comunicação⁷:

Competência de área 1⁸ - Aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para sua vida.

Nela são examinadas as seguintes habilidades:

H1 - Identificar as diferentes linguagens e seus recursos expressivos como elementos de caracterização dos sistemas de comunicação.

H2 - Recorrer aos conhecimentos sobre as linguagens dos sistemas de comunicação e informação para resolver problemas sociais.

H3 - Relacionar informações geradas nos sistemas de comunicação e informação, considerando a função social desses sistemas.

H4 - Reconhecer posições críticas aos usos sociais que são feitos das linguagens e dos sistemas de comunicação e informação.

Competência de área 9 - Entender os princípios, a natureza, a função e o impacto das tecnologias da comunicação e da informação na sua vida pessoal e social, no desenvolvimento do conhecimento, associando-o aos conhecimentos científicos, às linguagens que lhes dão suporte, às demais tecnologias, aos processos de produção e aos problemas que se propõem solucionar.

H28 - Reconhecer a função e o impacto social das diferentes tecnologias da comunicação e informação.

H29 - Identificar pela análise de suas linguagens, as tecnologias da comunicação e informação.

H30 - Relacionar as tecnologias de comunicação e informação ao desenvolvimento das sociedades e ao conhecimento que elas produzem.

Neste trabalho, serão analisadas questões relativas apenas à competência 1, devido à extensão do texto a ser produzido, que não permite o estudo aprofundado das questões relativas também à competência de área 9.

⁶ Serão apresentadas e analisadas neste trabalho apenas a Competência 1 e as habilidades a ela referentes, em função do escopo definido.

⁷ Termo que, na matriz do Enem aparece como Tecnologias da Comunicação e da Informação (TCI).

⁸ Não é consenso entre os pesquisadores do Inep que esta competência seja referente às TICs. Há outra linha de interpretação que a associa à análise dos gêneros textuais de forma geral.

Cumpra esclarecer que, no contexto do Enem, de acordo com Macedo (2005, p. 21), competência é o modo como fazemos convergir nossas necessidades e articulamos nossas habilidades em favor de um objetivo ou da solução de um problema, que se expressa em um desafio, que não pode ser reduzido às habilidades, nem às contingências nas quais certa competência é requerida. Isso porque a competência não é simplesmente o conjunto ou o somatório das habilidades: é muito mais que isso, porque não se reduz à soma das partes.

2.1. O modelo de questão (item) do Enem

O Enem é uma avaliação em larga escala e, por isso, tem como pilar a manutenção de um banco de itens (ou de questões). A existência do Banco Nacional de Itens (BNI) é necessária para que haja uma quantidade expressiva de itens com comprovada qualidade técnico-pedagógica. O Banco Nacional de Itens define-se, portanto, como um repositório de itens de testes de natureza específica – organizados segundo uma Matriz de Referência – disponível para a construção de instrumentos de avaliação. Esse instrumento (a prova) é realizada atualmente um vez por ano.

O item (ou questão) de avaliação do Enem expõe o participante a um contexto reflexivo e instiga-o a tomar decisões, o que requer trabalho intelectual para mobilizar recursos cognitivos e operações mentais, incorporando situações vivenciadas e valorizadas no contexto em que se originam para aproximar os temas escolares da realidade extraescolar.

O item utilizado no Enem é de múltipla escolha e divide-se em três partes: texto-base, enunciado e alternativas.

O texto-base motiva ou compõe a situação-problema a ser formulada no item a partir da utilização de um ou mais textos-base (textos verbais e não verbais, como imagens, figuras, tabelas, gráficos ou infográficos, esquemas, quadros, experimentos, entre outros), que poderão ser de dois tipos: formulados pelo próprio elaborador para o contexto do item ou referenciados por publicações (no caso da prova de Códigos e Linguagens, há preferência por textos que não tenham sido produzidos pelo elaborador).

O enunciado apresenta uma instrução clara e objetiva da tarefa a ser realizada pelo participante. Essa instrução poderá ser expressa como pergunta ou frase a ser completada pela alternativa correta.

Alternativas são possibilidades de respostas para a situação-problema apresentada, dividindo-se em cinco opções: um gabarito (alternativa correta) e quatro distratores (alternativas incorretas), sempre considerando que os distratores são opções que não respondem ao problema proposto no enunciado, mas que são plausíveis, para que o aluno não acerte por exclusão.

Além disso, os itens devem obedecer ainda a três outras características: contextualização, interdisciplinaridade e unidimensionalidade.

Para ser contextualizado, o item deve considerar que uma situação de aprendizagem considerada ideal é aquela em que o avaliando é colocado diante de problema a ser resolvido. Além disso, deve fazer sentido para o avaliando, contém um desafio e, ao mesmo tempo, é possível de ser realizada por ele, por meio de estratégias pessoais (não necessariamente convencionais). O item é contextualizado quando permite ao participante aproveitar e incorporar situações representadas e valorizadas no contexto em que se originam, para aproximar os temas escolares da realidade extraescolar.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a interdisciplinaridade se fundamenta na crítica de uma concepção que toma a realidade como um conjunto de dados estáveis, sujeitos a um ato de conhecer isento e distanciado. Ela se refere a uma abordagem epistemológica dos objetos de conhecimento questionando a segmentação entre os diferentes

campos do saber produzida por uma visão compartimentada (disciplinar), que apenas informa sobre a realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, historicamente se constituiu.

A unidimensionalidade é pressuposto que requer que cada item aborde a somente uma habilidade e não cobre do avaliando mais de uma habilidade para sua resolução.

3. Letramentos

O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) ganhou existência em um momento histórico e social em que a sociedade brasileira (e a mundial) revisa vários conceitos que, por muito tempo, estiveram cristalizados; ou começa a conviver com conceitos, que abrem novas frentes de compreensão da realidade. O letramento é um desses novos conceitos.

A Internet e as máquinas digitais estão entre as opções mais recentes do letramento. Talvez por isso tenha surgido uma preocupação com os usos das novas tecnologias entre aqueles que investigam leitura e escrita (RIBEIRO, 2009, p. 19). E talvez, também por isso, esse conhecimento passou a compor a Matriz de Referência do Enem, já que o exame deve avaliar as habilidades de que o aluno necessita para realizar práticas sociais relativas aos vários letramentos.

Neste trabalho, estamos entendendo letramento, pautando-nos em Marcuschi (2010, p. 21), como processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita para usos utilitários, por isso é um conjunto de práticas, ou seja, devemos pensar em letramentos (sempre no plural). Esse conceito difere do que se entende por alfabetização, definida por Marcuschi (2010, p. 21-22) como um fato historicamente vinculado ao ambiente escolar (embora possa ocorrer fora dele), um aprendizado decorrente de processo de ensino e que compreende o domínio sistemático das habilidades de ler e de escrever. Ambos os termos diferem ainda do conceito de escolarização, que é uma prática formal e institucional de ensino que visa a uma formação integral do indivíduo (MARCUSCHI, 2010, p. 22). Nesse sentido, a alfabetização é apenas uma das atribuições da escola e uma das partes da escolarização. E, como já sabemos, a escolarização não necessariamente implica a alfabetização nem o letramento, uma vez que o aluno pode ter vários anos de escolarização e não ter desenvolvido as habilidades relativas aos dois outros processos.

Xavier (2009, p. 1) acrescenta que o alfabetizado é

[...] aquele sujeito que adquiriu a tecnologia da escrita, sabe decodificar os sinais gráficos do seu idioma, mas ainda não se apropriou completamente das habilidades de leitura e de escrita, isto é, aquele indivíduo que, mesmo tendo passado pela escola, ainda lê com dificuldade, de modo muito superficial e escreve com pouca frequência e, quando escreve, produz textos considerados simples (bilhetes, listas de compras, preenchimento de propostas de emprego e coisas do gênero).

De outro lado, um sujeito letrado consegue ir além do código, ultrapassando a simples decodificação e apoderando-se das vantagens que o letramento lhe proporciona, com isso pode participar efetivamente de atividades que envolvem o letramento e atuar como cidadão partícipe de sua comunidade. Para Xavier (2009, p. 2), “A capacidade de enxergar além dos limites do código, fazer relações com informações fora do texto falado ou escrito e vinculá-las à sua realidade histórica, social e política são características de um indivíduo letrado”.

Ainda para Xavier (2009, p. 2), ser letrado digital “pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e de escrever os códigos e sinais verbais e não verbais, como imagens e desenhos, se comparados às formas de leitura e de escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital”.

É relevante frisar, como propõe Marcuschi, (2010, p. 19) com base em Street (1995), que é necessário ter imenso cuidado diante da tendência à escolarização do letramento, que é mal crônico se levar a supor que só existe um letramento. Para o autor, o letramento não é o equivalente à aquisição da escrita, visto que existem letramentos sociais que surgem e se desenvolvem à margem da escola, e não devem ser depreciados por esse motivo. Podemos considerar que o letramento digital, em muitos casos, é um exemplo de letramento que pode acontecer fora dos muros da escola. Isso pode ser comprovando pela familiaridade com que jovens lidam com o mundo digital, sem necessariamente ter aprendido formalmente sobre ele.

No contexto escolar, em relação ao acesso e à utilização das tecnologias digitais em sala de aula, comparando o ensino com e sem esse acesso, Xavier (2009) apresenta o esquema comparativo abaixo:

Ensino sem acesso	Ensino com acesso	Implicações para o aluno
Centrado no professor Absorção passiva	Centrado no aluno Participação ativa do aluno	Aprendizes ativos Muita motivação
Trabalho individual Professor “sabe-tudo”	Trabalho coletivo Professor articulador	Equipe constrói habilidades desenvolvidas coletivamente Aprendizagem adequada às mudanças no mundo
Ensino estático Aprendizagem predeterminada	Ensino dinâmico Aprender a aprender	Material didático on-line substitui livros e outros. Competências voltadas para a Era da Informação

Nesse novo modelo em que as tecnologias digitais reconfiguram as ações e os papéis no ambiente escolar:

A velha escola é retratada como uma entidade social enfraquecida naturalmente, enfadonha e ultrapassada. O professor [...] é um indivíduo que quando despertado pelas TIC (e seus efeitos) desenvolverá uma identidade inovadora capaz de orientar processos de aprendizagens sob demanda, na lógica própria da sociedade do conhecimento (ALMEIDA, 2008, p. 30).

Uma vez apresentados esses primeiros conceitos, consideramos pertinente ainda destacar nossa concordância com Marcuschi (2010, p. 20), pois acreditamos que, mesmo pessoas ditas ‘iletradas’, ou seja, aquelas que não dominam e decodificam o sistema alfabético, não deixam de estar sob a influência de estratégias da escrita em seu desempenho linguístico, o que torna o uso do termo ‘iletrado’ muito problemático em sociedades com escrita.

Consideramos que o mesmo deve ser considerado para o letramento digital, pois, mesmo aqueles que se consideram iletrados digitais (ou analfabetos digitais), estão de alguma forma vivendo sob a influência da dita era digital.

3.1. Letramento digital

De outro ponto de vista, ao tratar dos conceitos de letramento e de letramento digital, Ribeiro (2009, p. 16) afirma que conceito de “letramento”, embora bastante difundido no meio acadêmico brasileiro, não encontra homogeneidade e estabilidade.

Ribeiro (2009, p. 22-23) pondera que, se o conceito de letramento é problemático, o de letramento digital é ainda mais, uma vez que traz, junto ao substantivo letramento, um adjetivo que transforma e constringe seu sentido. Para a autora, Letramento digital é expressão ainda não empregada irrestritamente: em ocorrências como: letramento informacional, letramento computacional, letramento midiático, letramento multimidiático, que nem sempre são sinônimas ou referem-se aos mesmos problemas e objetos.

Quanto ao conceito de letramento digital, ele tem se evidenciado como uma necessidade na vida moderna. Hoje, os cidadãos de modo geral estão inseridos em um contexto em que esse uso não é mais uma escolha, é premência. Nesse contexto, cabe à escola, conforme assevera Xavier (2009, p. 1), “letrar digitalmente uma nova geração de aprendizes, crianças e adolescentes que estão crescendo e vivenciando os avanços das novas tecnologias de informação e comunicação”. Para o autor, é necessário que os indivíduos estejam preparados para dominar um conjunto de informações e de habilidades que devem ser desenvolvidas pelas instituições de ensino para que os alunos estejam capacitados a viver como cidadãos.

Isso significa que, com os novos meios de comunicação e as novas tecnologias de leitura e escrita, outras formas de travar contato ou de interagir por meio da escrita surgiram e foram apropriadas por muitas pessoas, que se tornaram leitores de telas e escritores com acesso a meios de publicação sem ou quase sem mediação. Outra parte da população, ainda sem acesso à *World Wide Web* ou ao computador, passou a se relacionar com esse mundo de novas possibilidades, mesmo sem acessá-lo (RIBEIRO, 2009, p. 16).

Em outro trabalho, Ribeiro, em parceria com Coscarelli (2005, p. 9), define que “Letramento digital é o nome que damos, então, à ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital (tanto para ler quanto para escrever)”. *Digital*, nesse contexto, passou a ser usado como referência a máquinas que funcionam com microprocessadores que transformam informações em números (RIBEIRO, 2009, p. 20). O adjetivo *digital* engloba, então, qualquer dispositivo que empregue tecnologia digital, *bits* e *bytes*. Para a autora, a televisão analógica estaria excluída dessa classificação; já televisão do futuro, com opções de programação, trajetos e formatos, talvez entrasse neste conceito (RIBEIRO, 2009, p. 27).

É interessante considerar, também, que não apenas os computadores, como pode parecer no senso comum, dão acesso ao mundo digital da informação, pois as mídias móveis (aparelhos celulares e outros minidispositivos) deixaram de ser apenas objetos para a comunicação e se tornaram mídias, já que também servem para obter notícias, propaganda, livros feitos para minitelas, etc. (RIBEIRO, 2009, p. 17).

Dessa afirmação, podemos questionar então o que são as mídias ou os sistemas de mídias tão comentados no mundo contemporâneo. Ribeiro (2009, p. 23) afirma que o *sistema de mídia* é esse emaranhado de mídias em que vivemos; mídias que se influenciam reciprocamente, a ponto de muitas características da Internet se parecerem com o impresso, outras serem imitações da televisão, etc.

Assevera ainda que, no sistema de mídias atual, o computador está entre as alternativas disponíveis para muitas comunidades de cultura escrita. Essa máquina, entendida como um novo ambiente de leitura e escrita, ampliou as possibilidades de atuação por meio de textos. A esse conjunto a autora soma outras ferramentas, como a televisão, o rádio e a Internet. (RIBEIRO, 2009, p. 17).

Cabe à escola o papel de colaborar para letrar digitalmente, e isso é inquestionável. Cabe à sociedade verificar, por meio de vários instrumentos, inclusive de avaliações em larga escala, como esse letramento está efetivamente acontecendo. E, nesse contexto, cabe ao Enem realizar essa verificação. A pergunta que fica é: como o Enem avalia esse letramento digital nas questões referentes às habilidades de TICs?

4. As TICs no Enem

Para ilustrar como essa competência e essas habilidades relativas às TICs vêm sendo abordadas no Enem, serão analisadas quatro questões da prova aplicada em 2009. Nela, foram aplicadas seis questões referentes à competência I e às suas quatro habilidades. Dessas quatro foram selecionadas para ilustrar este trabalho. Vejamos cada uma delas separadamente.

4.1. Identificar as diferentes linguagens e seus recursos expressivos

Para examinar a habilidade 1, doravante somente H1 (Identificar as diferentes linguagens e seus recursos expressivos como elementos de caracterização dos sistemas de comunicação), a prova apresenta a questão abaixo:

La Vie en Rose

ITURRUSGARAI, A. La Vie en Rose. *Folha de S.Paulo*, 11 ago. 2007.

Os quadrinhos exemplificam que as *Histórias em Quadrinhos* constituem um gênero textual *A* em que a imagem pouco contribui para facilitar a interpretação da mensagem contida no texto, como pode ser constatado no primeiro quadrinho.

B cuja linguagem se caracteriza por ser rápida e clara, que facilita a compreensão, como se percebe na fala do segundo quadrinho: “</DIV> <BR CLEAR = ALL> < BR>
 <SCRIPT>”.

C em que o uso de letras com espessuras diversas está ligado a sentimentos expressos pelos personagens, como pode ser percebido no último quadrinho.

D que possui em seu texto escrito características próximas a uma conversação face a face, como pode ser percebido no segundo quadrinho.

E em que a localização casual dos balões nos quadrinhos expressa com clareza a sucessão cronológica da história, como pode ser percebido no segundo quadrinho.

A análise nos leva a concluir que a questão aborda o conceito de gênero textual e os elementos expressivos utilizados na composição do texto. No exemplo, o texto, uma história em quadrinhos (HQ), é composto de elementos verbais e não verbais que são explorados a fim de verificar se o avaliando identifica as diferenças entre as duas linguagens.

Além disso, a parte verbal do quadrinho apresenta elementos do mundo digital, como HTML e seus códigos de configuração. Nesse sentido, a questão avalia elementos próprios do mundo digital.

A sigla HTML é a abreviação para a expressão inglesa *HyperText Markup Language*, que significa *Linguagem de Marcação de Hipertexto*. Ela é uma linguagem de marcação utilizada para produzir páginas na Web, sendo que seus documentos HTML podem ser interpretados por navegadores. A tecnologia é fruto da junção dos padrões HyTime e SGML⁹ e tem a configuração textual abaixo apresentada:

```

25 </head>
26 <body text="#000000
   bgcolor="#FFFFFF">
27 <table width="1000"
28   <tr>
29     <td width="200"
30     </td>
31     <td valign="top"
32     <div align="c
33     </div>
34     <p class="Boo
35     <h1 class="He
36     <p class="Cap
   Entertainment</a>
37     | <a href=

```

(Fonte: WWW.wikipedia.com.br. Acesso: 03.mai.2012)

Assim, para entender a relação entre o nome da personagem (HTML) e o modo como sua fala é apresentada, o aluno necessariamente precisa ter conhecimento da existência dessa linguagem e da forma como ela se estrutura.

No entanto, não fica clara a relação entre essa linguagem em especial e o título dos quadrinhos. O título faz referência à canção francesa *La vie en rose* (A Vida em Cor de Rosa), composta por Louis Gugliemi e por Édith Piaf e mundialmente conhecida na voz desta. Assim, o título do texto em questão é um elemento que pouco auxilia na identificação das diferentes linguagens e de seus recursos expressivos como elementos de caracterização dos sistemas de comunicação e ainda pode se tornar um elemento que dispersa a atenção do aluno ao resolver a questão.

Mas, analisando o texto mais detidamente, e em uma interpretação livre, pode-se considerar que o título *La vie en rose* refere-se à resposta dada no terceiro quadrinho: “Numa boa”. Assim, a vida estaria cor de rosa ou, em linguagem mais contemporânea e própria dos jovens, a vida estaria “Numa boa”. Porém, essa mesma interpretação nos leva a outro ponto relevante: para chegar a essa relação (*La vie en rose* = numa boa), o aluno ainda teria de conhecer o significado do título, um conhecimento que não me parece fazer parte do rol daqueles comumente dominados pelos jovens que são maioria na prova do Enem.

⁹ Dados retirados da WWW.wikipedia.com.br. Acesso: 03.mai.2012.

Aqui, cabe mencionar que, para compreender a relação entre o título e a charge, o aluno precisa recorrer à intertextualidade. Para Fairclough (2001, p.114), a intertextualidade é a propriedade que têm os textos de fazer referência implícita ou explicitamente a outros textos. O autor distingue dois tipos de intertextualidade: a manifesta (quando há menção explícita de outros textos); e a interdiscursividade ou intertextualidade constitutiva (quando há menção de elementos das ordens do discurso). No caso do texto em análise, há intertextualidade manifesta.

No entanto, cumpre salientar que, para fazer a relação intertextual entre os dois textos, é preciso que o aluno disponha de conhecimentos sobre a canção *La vie en rose* e sobre o que significa o título para que a leitura se complete, caso contrário seria necessário fazer uma inferência, o que não é a habilidade em questão.

Felizmente, o título não é mencionado nas alternativas, já que, se o fosse, a questão estaria abordando mais de uma habilidade e estaria contrariando o princípio da unidimensionalidade, que norteia o exame.

As cinco opções apresentadas ao avaliando levantam questões relativas às características do gênero em análise, abordando as relações entre texto verbal e não verbal, o uso de diferentes fontes (letras) como recurso expressivo nas HQs e a localização dos balões com as falas como elemento para marcar a sucessão cronológica.

O avaliando, de acordo com o gabarito oficial do exame, deveria marcar como correta a opção “D” para evidenciar que reconheceu a discurso direto como um elemento caracterizador da conversação face a face.

É fato que o texto propicia a identificação das diferenças entre linguagem verbal e não verbal e sua escolha auxilia (ou auxiliaria) no exame de outras habilidades, como a leitura de textos multimodais, porém isso não ocorre porque, como já mencionado anteriormente, a matriz do Enem prevê que as questões sejam unidimensionais.

4.2. Recorrer aos conhecimentos sobre as linguagens para resolver problemas sociais

Na mesma prova de 2009, a habilidade 2, doravante H2 (H2 - Recorrer aos conhecimentos sobre as linguagens dos sistemas de comunicação e informação para resolver problemas sociais), foi examinada por meio da questão a seguir:

Influenza A (Gripe Suína):

Se você esteve ou manteve contato com pessoas da área de risco e apresenta os seguintes sintomas:

- Febre alta repentina e superior a 38 graus.
- Tosse.
- Dor de cabeça.
- Dores musculares e nas articulações.
- Dificuldade respiratória.

Entre em contato imediatamente com o Disque Epidemiologia: **0800-283-2255**.

Evite a contaminação:

- Quando tossir ou espirrar, cubra sua boca e nariz com lenço descartável. Caso não o tenha utilize o antebraço.
- Se utilizar as mãos lave-as rapidamente com água e sabão.
- O uso de máscaras é indicado para prevenir contaminações.

BRASIL. Ministério da Saúde, 2009 (adaptado).

O texto tem o objetivo de solucionar um problema social,

A descrevendo a situação do país em relação à gripe suína.

B alertando a população para o risco de morte pela Influenza A.

C informando a população sobre a iminência de uma pandemia de Influenza A.

D orientando a população sobre os sintomas da gripe suína e procedimentos para evitar a contaminação.

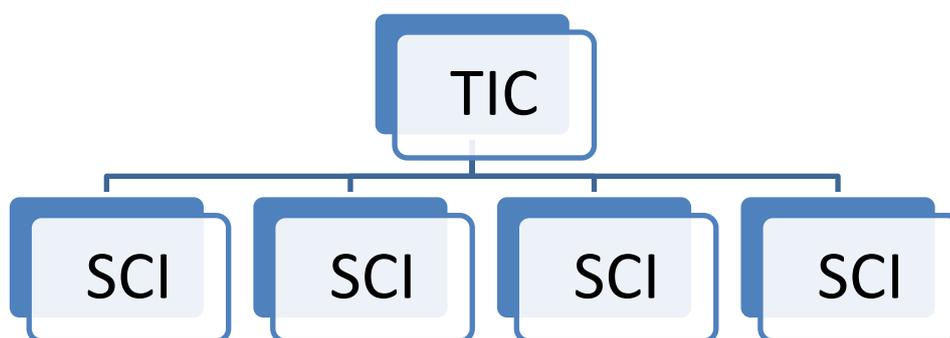
E convocando toda a população para se submeter a exames de detecção da gripe suína.

A questão apresenta um cartaz que orienta sobre os cuidados a serem tomados por quem teve alguma forma de contato com a gripe suína. Com base na leitura, o aluno deve entender como resolver (ao menos no nível pessoal) o(s) problema(s) decorrente(s) da gripe.

No entanto, a forma como a questão foi elaborada pode levar a outro entendimento por parte do avaliando, tendo em vista que o enunciado afirma que “o texto tem o objetivo de solucionar um problema social”. Da forma como o enunciado foi estruturado, pode-se entender que reconhecer o objetivo do texto é a habilidade examinada na questão e não a possibilidade de recorrer aos conhecimentos sobre as linguagens dos sistemas de comunicação e informação para resolver problemas sociais.

De qualquer forma, cabe ainda mencionar que a questão recorre a um texto impresso, que poderia ser divulgado em forma de panfletos, cartazes, *folders* e não necessariamente remete a uma leitura perpassada pelas TICs. Nesse sentido, a questão perpassa (ou tangencia) a temática das TICs, mas o faz de modo indireto.

Nesta habilidade, assim como nas outras que compõem a competência 1, o termo “sistemas de comunicação e informação” (SCI) é usado de forma genérica¹⁰ e sugere que tais sistemas são parte das TICs. Eles seriam elementos menores – os sistemas – que aparecem mencionados nas habilidades e comporiam o universo das TICs, aqui compreendido como maiores ou superiores, por ter sido mencionado na competência. Assim, no nosso entendimento, como as habilidades são elementos menores que compõem a competência, as SICs são elementos menores que compõem as TICs.



Nesta nossa perspectiva de entendimento, as TICs seriam então avaliadas por meio de habilidades relativas aos vários sistemas de comunicação e informação em que elas podem ser configurar.

4.3. Relacionar informações geradas nos sistemas de comunicação e informação

A H3 (Relacionar informações geradas nos sistemas de comunicação e informação, considerando a função social desses sistemas) foi examinada por meio da questão a seguir:

O "Portal Domínio Público", lançado em novembro de 2004, propõe o compartilhamento de conhecimentos de forma equânime e gratuita, colocando à disposição de todos os usuários da Internet, uma biblioteca virtual que deverá constituir referência para professores, alunos, pesquisadores e para a população em geral.

Esse portal constitui um ambiente virtual que permite a coleta, a integração, a preservação e o compartilhamento de conhecimentos, sendo seu principal objetivo o de promover o amplo acesso às obras literárias, artísticas e científicas (na forma de textos, sons, imagens e vídeos), já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada.

BRASIL. Ministério da Educação. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 29 jul. 2009 (adaptado).

¹⁰ Estamos afirmando ser a forma de menção genérica, porque não há, na Matriz de Referência, definição clara do conceito.

Considerando a função social das informações geradas nos sistemas de comunicação e informação, o ambiente virtual descrito no texto exemplifica

A a dependência das escolas públicas quanto ao uso de sistemas de informação.

B a ampliação do grau de interação entre as pessoas, a partir de tecnologia convencional.

C a democratização da informação, por meio da disponibilização de conteúdo cultural e científico à sociedade.

D a comercialização do acesso a diversas produções culturais nacionais e estrangeiras via tecnologia da informação e da comunicação.

E a produção de repertório cultural direcionado a acadêmicos e educadores.

A questão apresenta ao avaliando o Portal Domínio Público e, com isso, tem como objetivo levá-lo a relacionar as informações geradas nesse sistema de comunicação e informação em especial e sua função social. Para isso, o avaliando deve entender que o Portal exemplifica “a democratização da informação por meio da disponibilização de conteúdo cultural e científico à sociedade” (opção C, gabarito oficial). Logo, a função social do portal é democratizar a informação.

Aqui cabe mencionar que o texto escolhido se aproxima mais do universo das TICs, uma vez que circula no meio digital e apresenta um elemento do meio digital como tema. Nesse sentido, trata de informações geradas em sistemas de comunicação, o que é relevante no contexto da habilidade examinada.

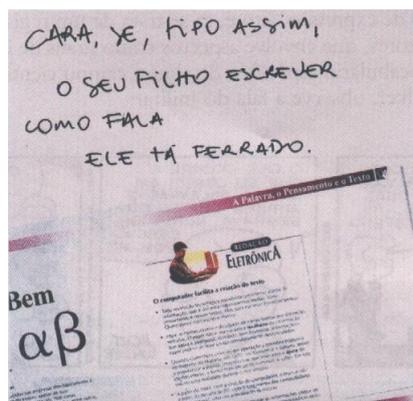
A seleção de textos desta natureza para compor a prova demonstra “... a construção de um novo objeto de análise e uma nova concepção de língua e de texto, agora vistos como um conjunto de práticas sociais” (MARCUSCHI, 2010, p. 16).

No entanto, resta ainda um problema: um texto aqui apresentado corresponde ao modelo de texto impresso (ou seja, quando transferido para o papel, ele perde os elementos que o caracterizam como digital) e é usado para avaliar habilidades relativas ao conhecimento digital.

Por um lado, essa escolha quase paradoxal deve-se ao modelo de prova vigente: prova escrita e de múltipla escolha. Se, de um lado, evita a exclusão daqueles que efetivamente não possuem familiaridade com esse mundo digital; de outro, pode-se questionar que habilidades estão efetivamente sendo examinadas. Isso considerando que, mesmo aqueles que têm pouca familiaridade com esse mundo digital, estão, de alguma forma, fazendo parte dele. Ou como menciona Ribeiro (2009, p. 18), citando Tfouni (2004), “não existe, nas sociedades modernas, o letramento ‘grau zero’, que equivaleria ao ‘iletramento’. Do ponto de vista do processo sócio-histórico, o que existe de fato nas sociedades industriais modernas são ‘graus de letramento’”. Assim, essa máxima também é verdadeira para o letramento digital.

4.4. Reconhecer posições críticas aos usos sociais

A habilidade H4 (Reconhecer posições críticas aos usos sociais que são feitos das linguagens e dos sistemas de comunicação e informação) foi examinada por meio da questão a seguir apresentada:



Veja. 7 maio 1997.

Na parte superior do anúncio, há um comentário escrito à mão que aborda a questão das atividades linguísticas e sua relação com as modalidades oral e escrita da língua. Esse comentário deixa evidente uma posição crítica quanto a usos que se fazem da linguagem, enfatizando ser necessário

- implementar a fala, tendo em vista maior desenvoltura, naturalidade e segurança no uso da língua .
- conhecer gêneros mais formais da modalidade oral para a obtenção de clareza na comunicação oral e escrita.
- dominar as diferentes variedades do registro oral da língua portuguesa para escrever com adequação, eficiência e correção.
- empregar vocabulário adequado e usar regras da norma padrão da língua em se tratando da modalidade escrita.
- utilizar recursos mais expressivos e menos desgastados da variedade padrão da língua para se expressar com alguma segurança e sucesso.

A questão apresenta o texto de um anúncio para que o avaliando reconheça posições críticas aos usos sociais que são feitos das linguagens e dos sistemas de comunicação e informação, entenda que é necessário empregar o vocabulário adequado ao contexto e usar regras da norma padrão da língua na modalidade escrita.

O texto escolhido para a questão, de alguma forma, aborda o conceito de letramento (*literacy*), enquanto prática social formalmente ligada ao uso da escrita, que tem uma história rica e multifacetada. Nesse sentido, concordando com Marcuschi (2006, p. 16), a escrita é entendida mais do que como uma tecnologia. Ela é bem social indispensável para enfrentar o dia a dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural, logo é indispensável.

Além disso, ao responder corretamente, o avaliando demonstra que compreende que a escrita não pode ser tida como representação da fala, porque a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos (MARCUSCHI, 2010, p. 17), o que se configura como compreensão dos usos, o que pode levar à análise crítica e reflexiva dos valores, julgamentos e ideologias que permeiam o uso social da linguagem.

Nesse sentido, Marcuschi (2010, p. 24) afirma que a alfabetização (e acrescento, os vários letramentos) tem alguns aspectos contraditórios.

Pode ser útil ou preocupante aos governantes. Por isso, os que detêm o poder pensam que ela deveria dar-se de preferência sob o controle do Estado e nas

escolas formalmente instituídas. Neste caso, o controle e a supervisão do Estado orientariam o ensino para **seus** objetivos. Isto sugere que a apropriação da escrita é um fenômeno *ideologizável*.

Ao apresentar esse tipo de questão o exame se volta para a análise de usos e de práticas sociais e não de formas abstratas. “Estas, as formas, estarão sendo analisadas a serviço daqueles, os usos, e não o contrário” (MARCUSCHI, 2010, p. 16). Essa postura demonstra uma visão sobre a língua e um posicionamento do exame frente ao ensino da língua, o que, de alguma forma, desmistifica o ensino de Língua Portuguesa que foca exclusivamente prescrições gramaticais.

Entretanto, mais uma vez, foi privilegiado o modelo escrito, o que pode levar ao entendimento de que essa habilidade pode ser ou será sempre abordada por meio deste tipo de gênero textual. Essa escolha pode distanciar ainda mais o universo escolar do contexto do letramento digital efetivo e contribuir para gerar número cada vez maior de excluídos digitais. Sobre eles, Ribeiro afirma:

Os “excluídos digitais” passaram a sofrer a pressão de “ter de” empregar as novas tecnologias, já que não basta mais ter competência apenas para lidar com o impresso. Um outro grupo de pessoas que mal tivera acesso ao letramento no impresso passou a ser duplamente excluído, já que as possibilidades tecnológicas aumentam, mas as respostas sociais e políticas não acontecem no mesmo ritmo. A essa apropriação gradativa dos novos meios pelas pessoas deu-se o nome de “letramento digital” (RIBEIRO, 2009, p. 16).

Os dados diretamente relacionados ao uso e ao acesso ao computador são enfáticos:

- das classes D e E, apenas 4% utilizam computador, eventualmente;
- das classes B e C, 15%; e
- a classe A usa computador, “ao menos eventualmente”, em 41% dos casos (RIBEIRO, 2009, p. 28).

Esse abismo é reforçado pelo fato de algumas escolas e alguns professores ainda serem resistentes ao uso das TICs em sala de aula; e também pela convicção equivocada de que o uso de computadores e de outros recursos tecnológicos em sala de aula é perda de tempo ou enrolação.

Entretanto, para Almeida (2008, p. 40),

As TIC são um acontecimento a partir do qual a educação é reinventada por discursos que enunciam novos contextos de ensino-aprendizagem e especificam novas formas de ensinar e de aprender. Estes discursos comportam um modelo educativo com base em um outro tecido social denominado Sociedade da Informação, do Conhecimento, Sociedade Cognitiva, entre outros.

5. Considerações finais

Como já afirmamos anteriormente, estamos em um mundo em transformação. E a educação não pode ficar de fora desse contexto. Por isso, acreditamos que

as TIC não só podem contribuir, de forma decisiva, para a modificação dos métodos de trabalho e respectivas práticas profissionais, como, em

consequência, vieram colocar também os profissionais da formação perante a necessidade de adaptação e aquisição de novas competências, quer em termos técnicos, quer do ponto de vista pedagógico, que lhes permitam tirar partido de soluções tecnologicamente mais avançadas. Assim, a requalificação dos formadores tem sido indicada como uma prioridade que deve acompanhar as transformações ocorridas na forma de pensar a aprendizagem, instituindo novas formas identitárias” (ALMEIDA, 2008, p. 37).

Inserir no Enem habilidades relativas aos conhecimentos das TICs significa alinhar-se com os usos e as necessidades vigentes no sistema escolar e na realidade social. E esse é um passo importante para que possamos ter um panorama verdadeiro da realidade educacional do conluente do Ensino Médio no Brasil.

No entanto, esta, como toda mudança, precisa ser acompanhada de estudo, de reflexão e, quando necessário, de ajustes. O primeiro passo foi dado: inserir as habilidades. Agora é preciso repensar essas habilidades considerando o modelo de item/questão e o modelo de prova adotado para o Enem e as reverberações que esse modelo de exame causa no Ensino Médio de forma geral. Como assevera Almeida (2008, p. 34), “O conhecimento reconfigurado desencadeia um movimento de atualização do sistema educativo e da sua estrutura curricular”.

Como a análise das quatro questões aqui apresentada evidencia, o modelo de questão ainda pode ser aprimorado para que os gêneros eleitos sejam mais próximos do contexto das TICs e para que tenhamos mais certezas sobre as habilidades que estão sendo examinadas. Esse quadro revela que, devido à novidade dos conceitos de letramentos e de letramento digital, ainda não é fácil definir modos claros de avaliar as habilidades a elas relativas.

Por fim, concordamos com Ribeiro (2009, p. 31) que a escola e o professor são os mais prováveis multiplicadores do letramento digital. Mesmo que a tarefa não seja escolar, o uso do computador para fins de sobrevivência no trabalho ou nas relações sociais é uma necessidade vital no mundo pós-moderno. Isso sem mencionar as inúmeras possibilidades de atuação cidadã que são facilitadas pela rede, como o acesso a: material de estudos e cursos, sites de busca, entidades de classe, discussões sobre temas da sociedade, escolha de prioridades nas listas dos orçamentos participativos de Prefeituras, etc.

6. Referências

ALMEIDA, Maria Cristina Alves de. As Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), os novos contextos de ensino-aprendizagem e a identidade profissional de professores. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 8, n. 221, jan./abr. 2008.

BRASIL. Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)**: fundamentação teórico-metodológica. Brasília: Inep: 2005.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília, 1998.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. (Orgs.). **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução de M. I. Magalhães. Brasília: Editora da UnB, 2001.

MACEDO, Lino. Competências e habilidades: elementos para uma reflexão pedagógica. In: INEP. Exame Nacional do Ensino Médio (Enem): fundamentação teórica e metodológica. Brasília: INEP. 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita. Atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2010.

RIBEIRO, Ana Elisa. Letramento digital: um tema em gêneros efêmeros. **Revista da ABRALIN**, v.8, n.1, p. 15-38, jan./jun. 2009.

SANTAELLA, Lucia. O novo estatuto do texto nos ambientes hipermídia. In: Signorini (Orgs.) **(Re)Descutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola, 2008.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogéticas. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. **Letramento digital e ensino**. <WWW.ufpe/nehete/artigos/letramentodigitaleensino>. Acesso: 25.fev.2012.